

O HERALDO

Anuncios, comunicados e assinaturas

PAGAMENTO ADEANTADO

ASSINATURAS { Semestre, 70 centavos (700 réis)
Numero avulso, 4 centavos (40 réis)

Editor e Administrador—Lyster Franco

SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRECTOR—LYSTER FRANCO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Redacção, Administração, Composição
e Impressão

TIPOGRAFIA DO HERALDO
DE

LYSTER FRANCO e JOÃO P. DE SOUSA

Rua Primeiro de Dezembro, 23 e 27

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos presados assinantes, de quem esperamos e a quem desde já agradecemos a pontualidade de pagamento, de que vamos proceder á cobrança do HERALDO, enviando-lhes pelo correio os recibos respeitantes ao primeiro semestre.

A educação

A educação é um dos problemas mais complexos, e de maior importancia na esfera sociológica. É notório e evidente que sendo a família a base das sociedades, estas são o reflexo de aquela; são a sua natural resultante.

Toda actividade humana gravita em torno deste centro, oscilando ou caminhando firme, consoante o timbre e a intensidade que se lhe imprimir. Desta fonte brotam e pululam todas as qualidades de espirito, que devem caracterizar o homem moralmente completo: ciencia, dignidade, moral, força de vontade, prudencia, critério, racional previsão ante conjecturas dificeis, a pratica (sábio meio para acertar as perplexidades da vida), enfim todos processos para lapidar o precioso diamante de um caracter integerrimo; mas para que as suas faces, não sejam assimétricas, urge que a educação seja sábia e praticamente dirigida. A má educação é, sem duvida, o peor mal de uma sociedade. Nela germinam os escolhos que esmagam no porvir os mais agigantados monumentos de uma civilização, destruindo os seus mais arrojados obeliscos. A boa e sólida educação é, pelo contrario, a mãe de todas as sublimidades humanas. Nela nasce o espirito dedutivo e indutivo que leva a razão ás mais grandiosas descobertas científicas. Ela produz o espirito do belo, que incandescendo a imaginação, e illuminando a intelligencia com as chamas do entusiasmo, cria as cores, dispõe as tintas, gradua os cambiantes, destaca o claro-escuro, copia e corrige a propria natureza chegando a iludir as aves do ceo e a burlar a desconfiança do proprio rival.

Ela combina os sons; regula o seu séquito produzindo a melodia.

Produz o acorde; regula o seu séquito fazendo a harmonia.

Assim como na pintura, com o desenho a cores, ela faz as imagens quasi vivas do real, deletando a vista, assim tambem com a harmonia e melodia, produz os mais sublimes trechos musicaes, criando enfim essa linguagem angelica para lenitivo do coração humano. Ela encoraja o espirito tibio transformando-o por completo. Tem creado as coragens mais destemidas, as justas e gratas dedicacões. Cria o amor ao torrão onde deixamos esparsos o cérebro e o coração transformando-o no mais acrisolado patriotismo. Em transes dolorosos na vitalidade de um paiz, ela consegue trazer agrihoadas ao carro do triunfo mil legiões de bravos. No seu seio, nascem os poetas mais inspirados cujos conceitulos são mais brilhantes do que as veigas douradas do Peloponeso, cuja lingua é mais doce do que o mel de Himeto. São seu produto os artistas mais sublimes, os guerreiros mais vitoriosos e humanos.

É ainda a educação, que fomentando a agricultura e a lavoura, casa harmonicamente alouradas searas com frondosos pomares. Ela é o aço que liga o homem nas suas multiplices relações; contemno mais sagrado respeito os filhos, as espo-

sas, os inferiores nas escalas dos preconceitos humanos. Forma a Mulher para a triplice e espinhosa missão de Filha, Esposa e Mãe; dulcifica-lhe as agruras mimoseando-lhe o espirito com franjas de ouro, rosa e pedacinhos de pérolas, no mais precioso damasco, com um pélagio de variegadas cores e prata no mais refinado selim. E, finalmente, a educação a grande alavanca do mundo moral.

Dai-me um ponto de apoio, e levantaréi o mundo fisico, dizia Archimedes, pois haja uma boa e sólida educação, e levantar-se-ha o mundo moral.

FRANÇA BORGES

Causou a melhor das impressões em todo o Algarve a singela mas significativa homenagem prestada pelo «Heraldo» ao mais intransigente e dedicado defensor da Republica, o illustre jornalista França Borges.

Entretanto, justo é dizê-lo, para que pudessemos efectiva-la, de muito nos serviu o valiosissimo concurso dos nossos prestimosos amigos e correligionarios srs. Ezequiel Pereira, Luiz Derouet e Alves Correia, a quem devemos o belo clichê do saudoso fundador do *Mundo*, que publicamos, e aos quais aqui, muito penhadamente deixamos consignada a expressão do nosso profundo reconhecimento por todas as deferencias prestadas ao «Heraldo».

Cronica citadina

O LIXO

Não falta quem diga que Faro, esta linda cidade das palmeiras, em cuja remanescencia ria os poentes tem o mais esplendoroso dos espelhos, é tambem, pelos azares da sorte, a cidade do lixo e da immundicia.

Baseada em solidos e razoaveis argumentos, esta afirmativa, que—cremo-lo bem—ainda ninguém em Faro deixou de fazer, por forma mais ou menos suggestiva, quer nas columnas dos jornaes, quer na amenidade das palestras, originou sempre, em todos os tempos, um diluvio de queixas e de censuras em que a critica impiedosamente metralha os homens—sejam eles quais forem—que a maldade dos Fados levou aos Pagos do Concelho. E todos clamam e vociferam contra eles,—tem sido sempre assim e continuará a ser, até á consumação dos seculos—exigindo-se, pelo menos que a Camara olhe devidamente pela limpeza da cidade, trazendo-a sempre bem accada e varridinha, não se limitando a dizer aos seus mais prestantes empregados de limpeza—os varredores,—como na historia da Caróchnha:

Se varreris bem, dou-te um visinho
Se varreris mal, dou-te um real...

E os varredores lá vão, animados pela mais inconsciente boa vontade, agitar o lixo a qualquer hora do dia, levantando nuvens de pó, se há vento, e compelindo a infinita legião dos microbios a dançar as suas sinistras furandolas aéreas, ou amontoando lamas miasmáticas se a chuva nos tem visitado.

Orá á Imparcialidade—essa grande força, a nosso ver das mais poderosas para destruir e aniquilar desavenças, manda acentuar que, se a Camara, esta ou qualquer outra, descarta ou tem descurado os serviços de limpeza, não é menos certo de que todos os senhores municipais a auxiliam extraordinariamente nesta «nonchalance».

E é por isso que nós, relembrando a lição sublime que a Biblia regista sob a epigrafe de «A Mulher Atlantea», ou-

samos muito francamente dizer aos nossos estimaveis concidadãos:

—Aquele que não tem deitado no mandado deitar lixo para a rua, que atire á Camara a primeira pedrinha da critica!

LYSTER FRANCO.

IMPRESSA

«ATLANTIDA»

Recebemos o primeiro numero deste valiosissimo mensario artistico, literario e social para Portugal e Brazil que sob a direcção dos illustres escriptores dr. João de Barros e João do Rio iniciou a sua publicação em Lisboa, no dia 15 do corrente.

Além da mais selecta e escolhida colaboração firmada, pelos nossos primeiros nomes literarios, insere primorosas illustrações, entre as quaes se destacam um belo retrato de Ramalho e uma excelente reprodução do lindo quadro de Columbano «A Chavena de chá».

Dado o brilhantismo da apresentação, asseguramos á «Atlantida» o maior successo, pois que nenhum português ou brasileiro que se prese, deixará de assinar tão importante mensario.

Cronica da Capital

AQUI E

ACOLÁ...

(Pó da vida)

El plato de... siempre

Ainda não obtivemos resposta á consulta a madame Brouillard sobre os serviços ferro viarios do sul. E' que a notavel quiromante um tal estudo absorve-lhe, sem duvida, todo o precioso tempo do seu mister. Dalií a demora na revelação.

Mas ela virá. Nem para nós a demora nos amofina; mad. Brouillard facilmente relatará o que tem sido o passado e o que é o presente dos caminhos de ferro que serpenteiam no Algarve, com veracidade e rapidez mas quanto á vaticina sobre o seu futuro...

Alguem aqui do lado opina que facil será á quiromante responder nos. E' desta arte:

—No futuro, os serviços ferro viarios do Algarve, ainda serão peores que os no presente e no passado.

Longe vá o agouro...

Mas, enfim, aguardemos pacientes o que no lo dirá mad. Brouillard quando ripostar ao nosso questionario. E enquanto o prognostico não nos bate á porta, vamos pôr ante os olhos dos leitores, estes feixes de verdades que vemos numa carta do importante industrial sr. Antonio Magalhães de Barros, dileto amigo da provincia em que nasceu e onde com raro brilho exerce a sua intelligente actividade, ha dias estampada na *Capital*:

«Rápidos, cujos exiguos compartimentos de 1.ª classe, mal comportam tres passageiros, não se abrem os restantes, enquanto houver um logar disponível, havendo muitas occasiões que os passageiros são forçados a viajar no corredor, a fim de não se sujeitarem a ser prensados como a sardinha, ou por não terem logar, devido a umas reles camas que occupam varios compartimentos, e que, cada uma custa a insignificancia de dois mil réis, naturalmente por conterem artigos vindos da Alemanha! Será isto devido á guerra? Rápidos, que nem sequer restaurante trazem, certamente para não fazer concorrência aos seus congéneres da linha, que primam pelo seu fornecimento e irreprehensível azeite, dignos de servir as raças mais exóticas e selvagens do orbe terraqueo! Será isto devido á guerra? Horário, de tal modo monstruoso, que quem deseje ir a Olhão, Tavira, Castro Marim, Monte Gordo e Vila Real de Santo Antonio, apenas tem um comboio as 4,20 da madrugada, com immediato trasbordo em Tunes,—pois que, havendo um segundo ás 9 horas da manhã, quando chega ao terminus, Faro, já daqui tem parti-

Tipografia do «Heraldo»,

Chamamos a atenção dos nossos presados leitores e assinantes para o anuncio da tipografia do «Heraldo» inserto na secção competente.

do, ha uma hora, outro para aquelle destino, dando-se á volta as mesmissimas circunstancias! Será isto devido á guerra? Horário vergonhoso, que marca 4 a 6 horas, para se percorrerem 56 kilómetros, de Portimão a Vila Real de Santo Antonio, o que representa, o «non plus ultra» do desafuro indigena! Será isto devido á

Saborearam? São verdadeis demonstrando quanto a viação acelarada no Algarve é primorosa, atraindo os turistas e acariciando os naturaes! Quem o duvida?

Clichés

Em fins da semana passada os diários

ASPECTOS ALGARVIOS



SILVES—Ponte e cais

guerra? Horário tão bonito, que após dez minutos das saídas dos comboios de Portimão, as máquinas ficam uma eternidade a tomar agua cerca de Estombar, quando o deviam fazer antes, mas tudo por amor e gentileza para com o respeitavel publico. Será isto devido á guerra? Serviço tão requintadamente

lisboetas punham de atalaia a tavolagem. Jam ser dadas ordens rigorosas á policia para impedir que a terceira duzia levasse ao desespero os apaixonados e os amanteticos não saltassem... a dama. Com efeito vimos os cronpiés gosando as noites no *Dia de juízo* e casquinando ante as inventivas do Walter.

A meio desta semana, que decorre, os

ASPECTOS ALGARVIOS



TAVIRA—A Ponte

apurado que, possuindo Faro ha já annos, iluminação electrica em toda a cidade, somente a estação do caminho de ferro continua piamente illuminada, com a sua primitiva lamparina de petroleo fedorento! Será isto devido á guerra? Serviço tão pressurosamente feito, que as mercadorias em grande velocidade, levam pelo menos dois dias

mesmos diários lisboetas buzina: «Pensa se, segundo consta, em regulamentar o jogo, visto estar reconhecida a impossibilidade de reprimir proficuamente o seu exercicio clandestino. A primeira chapa, por mais esforços empregados na revelação, não resultou nitida; a segunda só por bem revelada deve ser mais perfeita.

ASPECTOS ALGARVIOS



Arredores de Tavira—Senhora de Santana

a chegar ao seu destino, e as demais, a bagatela de vinte, apesar do dinheiro louco em que taes despachos hoje importam, pelo que os algarvios, desiludidos de vez, estão de ha certo tempo, preferindo grandemente a viação maritima, por mais rapida, garantida e economica.

Recopilando:—a regulamentação do jogo impõe-se.

Lisboa, 20 XI 1915.

JOÃO DO AREMA

Foi a Lisboa, na terça-feira, o illustre governador civil deste distrito, sr. dr. Joaquim da P. nte.

PRO ALGARVE

Congresso Regional Algarvio



Dr. Atalide de Oliveira



O Poeta Bernardo Passos

ACTUALIDADES

O Museu arqueológico de Faro
está desorganizado.Assim o afirma o «Heraldo»
do ALGARVIO.

A propósito das nossas ligeiras referências ao projectado «Instituto Arqueológico», feitas no «Heraldo», recebemos a seguinte carta, que gostosamente publicamos, por versar um assunto do mais alto interesse publico e vir redigida naquella linguagem em que devem primar os jornaes modernos:

«Ex.^{ma} Sr. Redactor:—No segundo numero do seu «Heraldo» deus-nos V. Ex.^a a grata noticia de que, por iniciativa da Academia de Ciencias de Portugal—já fundar se em Faro um «Instituto Arqueológico».

No quarto numero, ou seja o ultimo, dá publicidade á noticia de ter sido assinado um decreto «creando em Faro um Museu Regional de Arte e Arqueologia, constituído pelo actual recheio do Museu Monsenhor Boto (?), devendo de futuro este museu ser instalado no edificio do extinto convento de S. Bento. (?) e fundando e organizando em Faro, anexo á Academia de Ciencias de Portugal, o «Instituto Arqueológico do Algarve».

Está muito bem. A idea é louvavel e digna dos maiores applausos; embora eu não tenha a distincta honra de conhecer nesta cidade quaesquer cavalheiros a quem appropriadamente caiba o scientifico qualificativo de arqueólogos,—se alguns ha são tão modestos que ainda não deram sinal de si,—estou bem certo de que não fallarão boas vontades para realisar-se tão útil empreendimento, logo que se lance mão de gregos e de troianos, buscando-se as competencias onde elas estiverem e sem prévia audiência da Senhora D. Política, dama muito respeitavel, mas sobejamente conhecida de nós todos para que dispenseemos o seu concurso onde ele é perfeitamente inoportuno e escusado.

Na mesma local a que me venho referindo, diz V. Ex.^a que o «Museu Arqueológico de Faro», aberto ao publico ha muitos anos, deve se á iniciativa do falecido conego Boto e pertence á Camara Municipal desta cidade, sendo actualmente dirigido pelo sr. dr. Justino de Bivar.

Ora desculpe V. Ex.^a sr. Redactor, que eu me permita vir contraditar da melhor forma que, ser possa, parte das suas bem intencionadas afirmativas.

Irei de vagar para mais depressa chegar ao fim a que me propuz.

Não ha duvida que o «Museu Arqueológico de Faro» foi fundado pelo meu saudoso amigo, Monsenhor Joaquim Maria Pereira Boto. Existe ainda, felizmente, muita gente nesta cidade que bem se lembra do alto empenho com que aquele verdadeiro homem de ciencia realisou o seu intento, não se poupando a trabalhos nem a sacrificios de toda a especie.

Em Fevereiro de 1894, a Camara Municipal nomeou-o conservador do Museu, e ele, muito embora o tempo lhe não abundasse, porque era então, se não estou em erro, vice-reitor do Seminario, aceitou com prazer tal encargo, só para olhar mais de perto pelo seu querido Museu.

Boto foi um arqueologo de valor, um trabalhador incansavel; se o não fosse não teria conseguido vencer a indiferença e a hostilidade do meio, dotando a cidade de Faro com tão valiosas preciosidades.

O «Museu Arqueológico Lapidario «Infante D. Henrique» seria hoje um verdadeiro tesouro se a Camara Municipal, de quem V. Ex.^a diz ser ele pretença, o tivesse cuidado sempre com aquele zelo

que justifica o portuguesissimo dictado: «O olhar do dono engorda o cavallo».

Mas tal não succedeu, infelizmente. A maioria das vereações, que tem passado pelos Paços do Concelho, por uma indesculpavel má orientação, considerou sempre o Museu Arqueológico como um pesado encargo, indigno de quaesquer cuidados e atenções.

Com a retirada de Pereira Boto para Lisboa, começou para o Museu um verdadeiro fadario, pois nunca mais houve quem olhasse por ele.

Morto o seu illustre fundador, entrou a decadencia a acentuar-se e o Museu passou a andar de Herodes para Pilatos, dentro do proprio edificio da Camara, numa especie de delirio deambulatório, chegando por fim a estar muito tempo encafuado num casarão improprio, longe das vistas do publico e fechado á investigadora curiosidade dos visitantes nacionais e estrangeiros.

Revolvidos por mãos de incompetentes, com esse atrevimento que dá a ignorancia, ficou, desde logo o Museu com as suas collecções truncadas e reduzido a uma especie de simples amontuado de coisas velhas, sem prestimo aparente, que ninguém sabe de onde vieram nem para que serviram.

Gracas a este desleixo, não criminoso como português, foi inutilisado, quasi por completo, todo o trabalho feito por Pereira Boto.

Agravando a situação, a Camara Municipal, talvez por economia,—em Portugal, paiz das lembranças que parecem esquecimentos, ha tambem a mania de fazer economias que a breve trecho se transformam em grandes dispendios!—deixou-se de reeditar o respectivo catalogo (*Glossario dos principaes monumentos do Museu Arqueológico «Infante D. Henrique»*), de sorte que até essa valiosa base falta a quem desejé estudar, a sério, os objectos expostos.

E' triste, não lhe parece?

Durante muito tempo o Museu vegetou no tal casarão improprio, enregues os seus valiosos objectos ao maior despeso e ao mais completo abandono.

Ha pouco, transferiram-no para a velha egreja de Santo Antonio dos Capuchos e para lá o arrumaram, com muito gosto e fina arte.

Ora diz V. Ex.^a que o Museu é actualmente dirigido pelo sr. dr. Justino de Bivar.

Perdoe-me, sr. Redactor, mas venho dizer-lhe que V. Ex.^a labora, por certo, num erro lamentavel.

O Museu Arqueológico, em que pese aos que affirmam o contrario, continua acéfalo, é só o que se pôde concluir depois de visita-lo um instante que seja.

Para dirigir um Museu Arqueológico carecem-se requisitos científicos especiaes que, por maior que seja a minha boa vontade, não lógro descobrir na pessoa do sr. dr. Justino de Bivar.

Este senhor será um optimo advogado, um magnifico presidente da comissão executiva municipal; é, sem contestação, um excelente e digno rapaz, sempre pronto a coadjuvar todas as iniciativas uteis, um cavalheiro, enfim, da mais distincta sociedade, mas não á arqueologico e portanto a pessoa competente para dirigir o Museu, vai uma distancia quasi tão grande como da terra á lua, onde, por vezes, se me afigura que todos nós vivemos, quando mutuamente nos atribuímos qualidades que estamos longe de possuir.

O Museu será, quando muito, uma das ramificações de serviço do pelouro municipal a cargo do sr. Bivar.

Deve ser isto, e nada mais.

Pela minha parte não creio, enquanto não me provarem o contrario, que exista qualquer entidade, a dirigir exclusivamente o Museu e a minha descrença fundamenta-se no convencimento de que, se tal acontecesse—quer fosse o sr. Bivar ou qualquer outro bem intencionado, com um pouco de intuição, por muito pouca que ella fosse—já não teríamos tido o gosto de ver, aqui em Faro, uma pessoa idonea a reorganisar o Museu Arqueológico de forma a livrá-lo de vandalismos que saltam aos olhos e que fariam a vergonha de qualquer aprendiz de bric-a-brac.

Porque, em verdade lhe digo, sr. Redactor, um Museu Arqueológico disposto com muito gosto e fina arte,—como, se bem me lembro, disse em tempos o correspondente de um jornal de Lisboa,—será muito lindo, será muito lindo, será magnifico, mas é insufficientissimo para o fim a que se destina; deixa de ser um Museu para tornar-se um simples estendal de coisas velhas e sem prestimo.

Eu podia concretisar mais o assunto e expor a razão ou as razões que me inibem de chamar «Museu arqueológico» ao conjunto de objectos antigos que a camara arrecadou no velho templo franciscano, mas não gosto de melindrar ninguém, nem, desejo que me julguem animado, de um espirito capaz de amesquinhar iniciativas alheias; além disso, o sr. Bivar ao entrar para o municipio não contraiu, segundo me consta, a obrigação de ser arqueologo... *malgré lui*.

Modesto e trabalhador como é, estou bem certo de que aquele sr. seria o primeiro a julgar-se incompetente para um logar outrora tão distinctamente occupado pelo meu saudoso amigo Pereira Boto, que, justo é dis-lo, teve em Manuel de Bivar um dos cooperadores mais inergicos e devotados—se tal logar não passasse de uma simples fantasia decorativa, de que aliás as tradições do seu nome lá dentro da camara, não carecem.

Desculpe-me, sr. Redactor, occupar tão precioso espaço no seu jornal, ventilando um assunto que se me afigurou de importancia maxima, mas a culpa é sua, visto que, na circular com que V. Ex.^a me honrou, diz se que «O Heraldo» espera obter todas as informações de reconhecimento da importancia para o desenvolvimento moral, intelectual e material desta formosa provincia.

E como não desejo popularisar o meu nome, tão conhecido de V. Ex.^a desde longa data, consinta-me que para os seus leitores eu referende esta com o simples pseudonimo de

UM ALGARVIO.

P. E.—Depois de escrita esta carta, li, por acaso, no *Diario do Governo* de 11 do corrente, que tinham sido nomeados socios fundadores do Instituto Arqueológico do Algarve os srs. Tomaz Cabreira, dr. Atalide de Oliveira, dr. Justino Bivar, dr. Rodrigues Davim, agronomo Pedro Judice, dr. Teixeira Guedes, dr. Francisco Fernandes Lopes, tenente coronel Rodrigo Abolin, 2.^o tenente Sebastião José da Costa e Manuel João Paulo Rocha.

Louvado seja Deus, Nosso Senhor!

Eu a pensar que não havia arqueólogos algarvios e eles a surgirem das colunas da folha official, com uma pujança e um vigor tais, que obscurecem a eclosão dos crisantemos—á flor do tempo!

Antes assim!

Já agora, só para ver se consigo coordenar as práticas antigas com as modernas,—desculpe-me a inofensiva ceticidade,—vou dar-me á árdua tarefa de ver se consigo descobrir os *Diarios do Governo* que publicaram as nomeações dos arqueólogos Estacio da Veiga e Pereira Boto.

E' que, francamente, depois do recente parto do *Diario*, espicço-me de veras a curiosidade de saber se eles tambem foram nomeados por Decreto ou Portaria.

Um Algarvio.

Nota da Redacção

Trazendo esta carta aninhada, por duas vezes, a frase com muito gosto e fina arte e atendendo a que o director deste jornal esteve, por deferencia para com a Camara, e na sua qualidade de pintor historico, a dirigir os trabalhos de conservação e limpeza dos quadros dos extintos Paços episcopais o Seminario, expostos conjuntamente com os objectos que fazem parte do Museu Arqueológico, compre-nos declarar, para evitar equivoocos, que somos absolutamente estorçados ao critério que presidiu á disposição de tais objectos e até á dos proprios quadros.

PUBLICAÇÕES
RECEBIDAS

SOCIEDADE DE EMIGRAÇÃO PARA S. THOMÉ E PRINCÍPE.

Relatorio da Direcção, parecer do Conselho Fiscal e lista dos acionistas.—2.^o anno.—1914.—Lisboa.

Oferido pela importantissima Sociedade de Emigração para S. Thomé e Príncipe, recebemos este magnifico relatorio, o melhor trabalho que no genero conhecemos e a cujas paginas vibra o mais alto e acrisolado interesse pelo nosso problema colonial, na generalidade, e especialmente na parte respeitante ás ilhas de S. Thomé e Príncipe, que tem na benemerita Sociedade um dos factores mais poderosos do seu progresso, desenvolvimento e expansão.

O «Relatorio» a que nos vimos referindo e que penhoradamente agradecemos, é um valioso documento demonstrativo da nossa vitalidade como nação organica.

Magnificamente composto e impresso, insere esplendidas fotografias e constituiu um volume elegantissimo que muito honra á arte tipographica nacional e o Centro Typographico Colonial, de Lisboa, de cujas officinas saia.

BELAS-LETRAS

Antologia do Algarve

POESIA

QUEM FORA

BALADA!

Quem fora as notas da balada infanda,
Quem fora as linhas dum poema eterno!
Talvez, talvez que tua boca linda
Me repetisse num enlevo terno!

Suspenso dessa tua linda boca,
D'esses teus labios de belleza extrema,
Podia ter uma nigra louca,
Sendo eu balada ou genial poema...

Sendo eu balada (quem me dera se-lo!)...
Beijando a tua tua branca face,
Brincando a brisa com o teu cabelo,
N'esses teus labios talvez eu brincasse...

Talvez me lesse, quando tudo dorme,
Mas horas mortas d'um gelado inverno,
Sendo eu poema genial, enorme,
Se eu fora as linhas d'um poema eterno...

Talvez me lesse sobre o casto leito,
A horas mortas, minha linda amante,
Talvez fizesse palpitar teu peito,
Se eu fora os versos imortaes de Dante...

E assim, mulher, ali que sou eu?—Um nada,
Verme que vae sob os teus pés, de rastros...
Que pena eu tenho de não ser balada
Que tu cantasses sob a luz dos astros!

Talvez, talvez que tua boca linda
Me repetisse num enlevo terno,
Se eu fora as notas de balada infanda,
Se eu fora as linhas d'um poema eterno!

CANDIDO GUERREIRO,

PROSA

JOÃO DE DEUS

Um dos mais mimosos poetas que illustram a segunda metade do século passado foi João de Deus.

Coração bondoso, alma ingenua e meiga, só o amor o inspirou: amor que ele cantou maravilhosamente em versos inspirados, mas cheios de simplicidade, de candura, que prendiam os ouvintes e leitores, tanto pela naturalidade como pela harmonia e beleza do ritmo. Nasceu este inimitavel lirico em São Bartolomeu de Messines, aldeia algarvia, em 8 de Março de 1830. Formou-se em direito em 1859, e só tres annos depois saiu de Coimbra, deixando ali o seu nome justamente illustre pelas suas magnificas produções poeticas. A sua lira não cessou de resoar, constantemente aplaudida, até á data da sua morte, que se deu em Lisboa, a 11 de janeiro de 1913. Poucos meses antes tinha recebido da mocidade estudiosa do pais uma brilhante apoteose, como homenagem ao seu merito superior, não faltando a associar-se a este tributo de alta consideração o proprio

chefe do Estado, que o visitou em sua casa oferecendo-lhe as provas mais inequivocas do seu respeito e admiração.

João de Deus não foi somente um vate primoroso, foi tambem um pedagogista illustre e dedicado. Prova-o a «Cartilha Maternal» o methodo de leitura mais facil e intuitivo, que cedo se espalhou pela maior parte das nossas escolas e que mereceu ao Parlamento em 1898 a distincção de ser aprovado como methodo de leitura nacional. Parte dos escriptos em verso e em prosa de João de Deus, que ou tinham sido publicados nos jornaes ou que ele guardava como recordação dos seus tempos de mocidade, foi colligida em dois volumes, intitulados «Campo de Flores» e «Prosas», pelo insigne literato sr. Teophilo Braga, e entregue á publicidade. Outro poeta, Guerreiro Junqueiro, chamou a colleção das suas poesias «Campo de Estrelas». Jardim Sideral, Lirio de Luz Inocente, a que mil milhões de annos não roubarão uma petala.

José Joaquim da Costa Macedo.

A fotografia do Invisível

Os Raios X em Faro

Na Farmacia «Alexandre»

A luz não se define, é como o calor, a electricidade, a força, etc. É uma causa que, actuando sobre a nossa vista, nos dá uma sensação de ordem especial.

É produzida pela incandescencia dos corpos; é a este phenomeno que se deve a emissão luminosa do sol e das estrelas.

A luz que nos illumina vem-nos do sol, e é porque os raios luminosos ferem os corpos, que eles se nos tornam visiveis.

Um raio de sol filtrando-se num aposento sombrio, no verso, seria completamente invisivel; se o ar estivesse isento de poeiras.

As particulas atomicas dos corpos, que volteiam na atmosfera, refletem os raios.

A luz que fere a nossa vista é a luz reflectida.

Os corpos divergem quanto aos raios luminosos que emitem: o ar, a agua, o vidro que os deixam passar, são corpos transparentes; a madeira, os metaes que os interceptam, são corpos opacos.

A luz solar parece homogenea e branca; todavia, se deixamos passar um raio de sol atravez de um pequeno orificio praticado no postigo de uma janella, recolhendo o raio sobre um prisma, verificamos que o feixe luminoso é não só desviado da sua primitiva direcção pela refração, mas ainda que se divide e decompõe.

O feixe luminoso é composto de uma multiplicação de raios de natureza e de propriedades diferentes, que, interceptadas pelo guarda constituem o «espectro». É uma faixa luminosa de arco iris onde se apresentam o vermelho, o alaranjado, o amarello, o verde, o azul, o indigo e o violeta. Assim, um raio luminoso é a mis-

tura de todas estas cores vivas. Para nos certificarmos desta verdade, basta pintar estas cores sobre um disco na proporção da sua extensão espectral.

Fazendo girar o disco, temos a sensação da luz branca. É a experiencia de Newton sobre a recomposição da luz.

Mas o espectro não se limita ás cores que impressionam a nossa vista. A propriedade luminosa é a caracteristica destes raios visiveis. Mas, á direita e á esquerda desta gama cromatica, existe um espectro invisivel.

Para além do vermelho, encontram-se raios invisiveis, que apenas se manifestam pelas suas propriedades calorificas, actuando sobre o termometro.—São os raios infra-vermelhos, os menos desviados pelo prisma.

Para além do violeta, encontram-se raios igualmente invisiveis, actuando sobre a placa fotografica, e que não parecem dotados de propriedades luminosas nem calorificas.

São os Raios actinicos, os Raios ultra-violetas, os mais desviados pelo prisma.

Desde então, o que se entende por luz tornou-se cada vez menos intelligivel. Na realidade, á medida que uma ciencia enriquece, á medida que os homens analisam as suas sensações pela razão, e pela experiencia, á medida que atingem o limite, e que reúnem todos os meios de aquisição para corroborar os resultados que ultrapassam a apparencia, é de toda a utilidade não empregar palavras que caracterizam as proprias sensações.

O idealismo grego dizia: «Uma candeia arde num quarto e illumina-o enquanto ai estiverdes. Sai e fecha a porta; vossos

Recebe-se um, dando-se comida e cama. Preço modico.
Rua Conselheiro Bivar n.º 34
Antiga Rua Direita—FARO.

Administração do Concelho de Albufeira

DECRETO N.º 1900 DE 18 DE SETEMBRO DE 1915

Tabela dos preços máximos aprovada pela Comissão de Subsistências, que vigorará no mez de Novembro de 1915

GENÉROS	UNIDADES	PREÇOS	GENÉROS	UNIDADES	PREÇOS
Assucar cristalizado.....	Quilo	538	dade e com o peso de 1 quilo.....	Quilo	508
» superfino.....	»	538	Pão de farinha peneirada, de trigo.....	Liuro	508
» n.º 1.....	»	530	Feijão amarelo.....	»	508
» n.º 2.....	»	534	» branco.....	»	507
» n.º 3.....	»	532	» lade.....	»	509
Arroz de 1.ª.....	»	518	» manteiga.....	»	508
» de 2.ª.....	»	516	» vermelho.....	»	508
» nacional (da terra).....	»	518	Grão de bico de 1.ª.....	»	507
Frangãos.....	Um	514 a 530	» de 2.ª.....	»	507
Galinhas.....	Uma	550	Massa cortada de 1.ª.....	Quilo	520
Azeite de 1.ª.....	Litro	530	» de 2.ª.....	»	516
» de 2.ª.....	»	523	» de 3.ª.....	»	512
Café de 1.ª.....	Quilo	570 a 574	» em pasta.....	»	521
» de 2.ª.....	»	534 a 560	Ovos.....	Duzia	518
Banha de porco.....	»	550	Bacalhau especial.....	Quilo	546
Chouriço.....	»	550	» escocês.....	»	542
Linguiça.....	»	550	» dinamarquês.....	»	542
Teucinho velho.....	»	548	» empoado.....	»	532
» novo.....	»	534	Sardinha grande.....	Duzia	505
Carvão de azinho.....	15 quilos	526	Sardinha regular.....	»	503
» de sepa.....	»	524	Chicharro grande.....	»	504
» de allarrobeira.....	»	528	» regular.....	»	503
Lenha.....	»	510	» metido.....	Cento	520
Petróleo.....	Litro	514	Cavala, salgada.....	Pár	502,5
Cebola.....	Quilo	504	» fresca.....	»	502
Fava.....	Litro	506,5	Anchova, pargo, abroteas, corvina, pes-	Quilo	516
» para ração.....	»	506	cada e outros peixes equiparados.....	»	514
Milho de regadio.....	20 litros	588	Cação, briamante, arraia e outros peixes	Quilo	514
» de sequeiro.....	»	580	equiparados.....	»	520
Farinha de trigo emi rama.....	15 quilos	1340	Safo, congro e moreia.....	»	512
» de milho.....	1 quilo	508	Salmonetes.....	»	512
Trigo.....	20 litros	1320	Lulas.....	»	514
Pão de farinha de 1.ª com qualquer pe-	»	»	Sardas.....	»	509
so e qualquer preço.....	»	»	Sabão amendoa.....	»	517
Pão com farinha de 2.ª e peso de 500	»	»	» gordo.....	»	520
gramas.....	Quilo	510	» mescla, azul ou rosa.....	»	501
Pão com farinha de 2.ª e 3.ª e com o pe-	»	»	Batata redonda.....	»	502
so de 1 quilo, entrando a farinha de	»	»	» doce.....	»	502
2.ª na proporção de 20 %.....	Quilo	509	Leire.....	Liuro	508
Pão com farinha não inferior a 3.ª qual	»	»	Sarração.....	Pár	508

É proibido ter exposto á venda quaesquer generos de primeira necessidade, sem que junto deles esteja afixado, de modo bem visivel, o preço maximo relativo ás unidades porque é costume venderem-se.

Serão punidos, sendo presos, quando em flagrante delicto, todos aqueles que agambarcarem quaesquer generos de consumo, desde que esse agambarcamento tenha como consequencia uma alta no preço desses generos.

As infracções da presente tabela devem ser participadas, immediatamente, á autoridade administrativa local afim de serem punidos os infractores.

Esta tabela deve estar, sob pena de desobediencia, afixada nos estabelecimentos.

Albufeira, 4 de Novembro de 1915.

O Administrador do Concelho,
ANTONIO DE SOUSA FAISCA

LIVROS:
Publicam-se os tomos 55 e 56 da HISTORIA UNIVERSAL de Oncken, o mais completo e científico repositório da historia da humanidade.
Dirigir pedidos para assinatura a ALLAUD, ALVES & C.ª — Livraria Allaud e Bertrand, Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA.

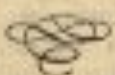
VAGOS

Alfaiataria Lisbonense

RUA PRIMEIRO DE DEZEMBRO, 29

—Faro—

DO CONHECIDO



ALFAIATE FONSECA, de Lisboa

Participa que abria a sua casa nesta cidade, encarregando-se da execução de obras para homens creanças e senhores (genero estileiros) por preços modicos e com um completo conhecimento de mais de mil annos de fazienda no que ha de mais bello e maior novidade para a estação de verão. Todas as obras são executadas pelo seu proprietario, tornando por isso inteiramente completa a responsabilidade na sua execução.

FATOS FEITOS PARA HOMENS, DESDE 8.000 A 20.000

Vae tomar medidas e provas a casa dos clientes

COMPANHIA DE SEGUROS

SEDE NO PORTO

R. de Santa Teres, 14-15

Est. Tel. 258.005-Porto

Telex. 1132

AVICTORIA

ANTIGUA ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Agencia em todas as cidades e vilas do Paiz

CAPITAL, ESC. 500.000\$000

DEPOSITO DE GARANTIA NA CAIXA GERAL DE DEPOSITOS, ESC. 25.000\$000

Seguros de seguras e elras, pastagens, corcaes, palhas, maquinas debulhadoras, arvoredos, etc.
Seguros terrestres, maritimos, valores pelo correio, quebra de chapas de vidro e espelhos e lucros esperados

DELGAÇÃO EM LISBOA NA RUA DO ARSENA, 86-1.ª

Telex. 1132

Est. Tel. 258.005

Accidam-se agentes nas terras onde os não houver

PORTUGAL PREVIDENTE

Companhia de Seguros

CAPITAL 1.000.000\$000

SEGUROS DE VIDA (TODAS AS COMBINAÇÕES)

Seguros contra fogo—Seguros maritimos—

Seguros de cristais—Seguros contra roubos—

Seguros postaes—Seguros agricolas

AGENCIAS EM TODO O PAIZ E COLONIAS

Sede—Rua do Alecrim, 10—LISBOA

Representante em Faro,

MANUEL FRANCISCO COSTA

O HERALDO

SEMANARIO

DE PROPAGANDA

DEMOCRATICA

Director—LYSTER FRANCO—Faro

INSTRUÇÃO SECUNDARIA E PROFISSIONAL

Tratado de Química Elemental (8.ª Edição). Um volume de 400

páginas no formato 22x15cm com 122 gravuras. (PREÇO, escudos—1\$50)

Obra util e recomendada a todos os que desejam instruir-se nesta ciência: as theorias quimicas são metódicamente tratadas em separado com a máxima clareza e bastante desenvolvimento a parte descriptiva é rica na indicação de experiências attraentes e preparações do verdadeiro interesse na vida prática; e os problemas fundamentais da quimica elemental são cuidadosamente tratados em secção especial acompanhados dos modelos literais e exemplificações numericas da disposição dos cálculos. Este compendio foi adoptado em seguida á sua primeira publicação em quaes todos os liceus e seminários, no Instituto Industrial e Commercial do Porto, e em diversas escolas normais, industriais e agricolas, continuando a ser o compendio preferido por distintos professores

Lições de Física do curso geral dos liceus e escolas normais (12.ª Edição).

Um volume de 396 páginas no formato 22x15cm com 400 gravuras. PREÇO, escudos—1\$20

Este compendio, dividido pedagogicamente em pequenas lições, foi preferido por unanimidade pela Comissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundário apresentados no concurso de 1899, e seguidamente mandado adoptar em todos os liceus por Decreto de 17 de novembro publicado no *Diário do Governo* n.º 261 do mesmo anno. Foi novamente escolhido para o ensino no curso geral dos liceus pela Comissão official no concurso de 1909 (*D. do G.* n.º 192), e revalidada a sua aprovação em 1912 pela Portaria de 2.º de julho. Cada lição é acompanhada de um questionário que subteue a presença do professor e facilita a revisão das materias estudadas. Além disto, tambem no fim de cada lição, em cuja matéria podem ter lugar applicações numericas, se encontram annunciados problemas muito facis, que notavelmente contribuem para a clara comprehensão dos assuntos da respectiva lição. — seu metodo essencialmente induutivo experimental pelo seu caracter elementarissimo, este compendio possui particulares vantagens para se adquirirem sem fadiga nem difficuldade as primeiras noções exatas da fisica, encontrando-se por isso adaptado não só ao curso geral dos liceus e ao curso das escolas normais, mas tambem ao ensino ministrado nos seminários, nas escolas elementares industriais e nas de commercio e agricolas.

Tratado de Física Elemental (10.ª Edição). Um volume de IV

764 páginas no formato 22x15cm com 752 gravuras PREÇO, escudos—1\$80

Este excelente livro de Física foi preferido por unanimidade pela Comissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundário apresentados no concurso geral de 1899, e seguidamente mandado adoptar em todos os liceus por Decreto de 26 de setembro, publicado no *Diário do Governo* n.º 218 do mesmo anno. Foi novamente o unico livro proposto para o ensino liceal complementado pela Comissão official no concurso de 1909 (*D. do G.* n.º 192) e revalidada a sua aprovação em 1912 pela Portaria de 23 de julho. Esta edição está inteiramente acomodada á revisão geral do ensino da Física nos liceus da harmonia com as instrucções que acompanhiam os programas do curso complementario, pois que, além das materias novas mencionadas nos programas da 6.ª e da 7.ª classe, contém as materias das classes anteriores, termina com uma desenvolvida e metódica coleção de 277 problemas numericos abrangendo todos os assuntos da Física acompanhados da indicação dos artigos da doutrina do texto a que se referem e das fórmulas empregadas na sua resolução.

Estas obras, que tem sido preferidas em concursos officiaes de livros de ensino e que estão vulgarizadas nas escolas de Portugal e do Brazil, acompanham os progressos das ciencias physico-quimicas encontrando-se actualizadas com a inserção das doutrinas sobre as moléculas e importantes descobertas, tais como a da fotografia das cores, da fotografia através dos corpos opacos ou raios X, das correntes de alta frequencia, dos radiocondutores, da telegrafia sem fio e da radioelectricidade. Os principios e deducções theóricas, as experiências demonstrativas, as applicações práticas e os problemas numericos, estão expostos por forma que imprimem a estes livros a sua caracteristica clareza e a moderna orientação pedagogica, tornando-os simultaneamente apropriados ao ensino theórico e pratico, á disciplina do espirito e aos trabalhos do laboratório. São tambem livros uteis fóra dos cursos escolares: o autor da fotografia encontra os conhecimentos sufficientes (receptas e preceitos) para principiar a operar com segurança e bom resultado; o telegrafista encontra os conhecimentos das reacções dos corpos e da electricidade indispensaveis á sua profissão; e todas as pessoas que desejam adquirir noções dos fenómenos da natureza encontram elementos que devem satisfazer ás exigencias do seu espirito.

LISBOA Livraria Ferin, Rua Nova do Almada, 70.—PORTO Livraria Chardron, Rua das Carmelitas, 144.—COIMBRA Livraria França Amado, Rua Ferreira Borges, 115.

NOÇÕES DE PROCESSO PENAL

Acompanhadas de Formulário e Legislação, por João Pedro de Sousa, advogado e deputado da Nação. Preço 1 escudo. Pedidos ao autor

CANDIDO DE SOUSA

Formado pela Escola de Lisboa e com as honras de Bacharel em Direito, Magistério e Letramento

CURSA GERAL, INSTRUÇÕES

Especialidades: Direito civil, Direito criminal, Direito de familia, Direito de successões

Sanções administrativas

CONSULTAS THEORICAS DE DOUTOR

EXCETO AOS DOMINGOS

RUA DA SANTA ASTORIA, 6

FARO

JOÃO PEDRO DE SOUSA

ADVOGADO

Morada—Avenida Almirante

Reis, 92, 1.º, D.º

LISBOA

“O que todos devem saber,”

ASSINATURA PERMANENTE

EDITORES

ALMEIDA, MIRANDA & SOUSA LTD.

133, Rua dos Poiaes de S. Bento, 135

LISBOA